Reis cananeus expressam lealdade a seu senhor egípcio: um estudo crítico-literário e histórico-social das Cartas de Amarna 221-222 e 227-228*

Reyes cananeos expresan lealtad a su señor egipcio: um estudio critico-literario e histórico-social de las Cartas de Armarna 221-222 e 227-228

Canaanite kings express loyalty to their Egyptian master: A critical-literary and socio-historical study of the Amarna Letters 221-222 e 227-228

Tiago Abdalla Teixeira Neto**

RESUMO

Este artigo busca apresentar uma análise crítica de quatro cartas de Tel-Amarna, enviadas por governantes cananeus a seu suserano, o faraó egípcio (EA 221-222 e 227-228). Elas são originárias de duas regiões diferentes, Tel Yokneam e Hazor, e foram escritas, possivelmente, por três reis-vassalos distintos. Por meio da análise crítica, pretende-se mostrar aspectos de estrutura e forma literárias em comum (por exemplo, a ordem recorrente ao escriba ou a fórmula de auto-humilhação) e analisar o contexto histórico-social que cercou a produção desses textos, com um destaque especial para as expectativas e demandas de suseranos e vassalos. Estes expressam a função de proteger as cidades consideradas de propriedade do suserano e de prover produtos que o senhor egípcio havia solicitado. Por outro lado, percebe-se a expectativa do vassalo, em especial do governante de Hazor, de que o suserano cumpra sua função de socorrê-lo diante da ameaça de um inimigo.

Palavras-chave: Tel-Amarna; relacionamento suserano-vassalo; crítica literária; análise histórico-social.

ABSTRACT

This article seeks to present a critical analysis of four letters from Tel-Amarna sent by Canaanite rulers to their suzerain, the Egyptian pharaoh (EA 221-222 and 227-228). These letters originate from two different regions, Tel Yokneam and Hazor, and were possibly

* Este artigo é parte da produção de pesquisa realizada durante o ano de 2017 pelo Grupo de Pesquisa “Arqueologia do Antigo Oriente Próximo”, da Universidade Metodista de São Paulo - Reg. no CNPq N° 4338921870858325.

** Universidade Metodista de São Paulo. Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Atuou como tradutor da área de Antigo Testamento no comitê de tradução da Nova Versão Transformadora (NVT, publicada pela Editora Mundo Cristão), sob a coordenação dos doutores Carlos Osvaldo Pinto e Estevan F. Kirschner. É professor nas áreas de Língua Hebraica, Antigo Testamento e Hermenêutica no Seminário Bíblico Palavra da Vida (SBPV - Atibaia/SP), no Instituto Missionário Palavra da Vida (IMPV - Belém/PA), no Programa de Aprofundamento Teológico (PAT - São Paulo) e no Seminário Teológico de Guarulhos (STG). E-mail: tatn84@hotmail.com

written by three distinct vassal-kings. Through critical analysis, we intend to show aspects of common literary structure and form (e.g., recurrent order to the scribe or the formula of self-abasement) and to analyze the sociohistorical context of the production of these texts, with a special emphasis to the expectations and demands of suzerains and vassals. These express the function of protecting the cities considered property of the suzerain and of providing products that the Egyptian lord had requested. On the other hand, one can see the expectation of the vassal, especially the ruler of Hazor, that the suzerain fulfills his function of helping him in the face of an enemy's threat.

Keywords: Tel-Amarna; suzerain-vassal relationship; literary criticism; sociohistorical analysis.

RESUMEN

Este artículo busca presentar un análisis crítico de cuatro cartas de Tel-Amarna enviadas por gobernantes cananeos a su suserano, el faraón egipcio (EA 221-222 y 227-228). Ellas son originarias de dos regiones diferentes, Tel Yokneam y Hazor, y fueron escritas, posiblemente, por tres reyes vasallos distintos. Por medio del análisis crítico, se pretende mostrar aspectos de estructura y forma literaria en común (e.g., el orden recurrente al escriba o la fórmula de auto-humillación) y analizar el contexto histórico-social de la producción de esos textos, con un destaque especial para las expectativas y demandas de suseranos y vasallos. Estos expresan la función de proteger a las ciudades consideradas de propiedad del suserano y de proveer productos que el señor egipcio había solicitado. Por otro lado, se ve la expectativa del vasallo, en especial del gobernante de Hazor, que el suserano cumpla su función de socorrerlo ante la amenaza de un enemigo.

Palabras clave: Tel-Amarna; relación suserano-vasallo; crítica literaria; análisis histórico-social.

Introdução

Dentre as diversas correspondências encontradas em Tel-Amarna, chamam a atenção de estudiosos as cartas escritas por reis cananeus a seus senhores egípcios, Amenófis III e, depois, Amenófis IV. Muitas delas têm uma estrutura literária parecida e expressam preocupações político-econômicas que ajudam o pesquisador atual a compreender um pouco da condição histórico-social do Levante e do Egito do século 14 A.E.C. Neste artigo, tem-se como objetivo analisar quatro cartas enviadas por três governantes cananeus, duas delas escritas por Yiqdasu, governante de Tel-Yokneam, e outras duas, escritas por líderes políticos da cidade de Hazor. Para isso, apresenta-se a tradução de cada carta com base nos trabalhos desenvolvidos por Anson Rainey e William L. Moran, seguida de uma análise de estrutura e de aspectos literários, que é acompanhada por um breve estudo sobre as questões histórico-sociais que as cartas revelam. O foco da primeira parte será as cartas de Yiqdasu; da segunda, as duas cartas escritas por governantes distintos de Hazor. Pretende-se, assim, expor as expectativas e demandas dos dois lados que formavam as antigas relações de suserania e vassalagem.

Análise das Cartas de Yiqdasu

EA 221 – *Yiqdasu, governante de uma cidade cananeia, ao rei do Egito*

Tradução 1:¹

(1-7) Dize ao rei, meu senhor, o sol do céu, a mensagem de Yiqdasu, teu servo: Aos pés do rei, meu senhor, sete vezes (e) sete vezes eu tenho me prostrado.

(8-10) Eu tenho dado ouvidos à mensagem do rei, meu senhor, a mim.

(11-16) Agora, estou guardando a cidade do rei, meu senhor, até que a palavra do rei, meu senhor, venha a mim.

Tradução 2:²

Dize ao rei, [m]eu senhor, o sol do céu: Mensagem de Wiktasu, teu servo. Eu me prostro aos pés do rei, meu senhor, sete vezes e sete vezes. (8-10) Eu tenho dado ouvidos à mensagem do rei, meu senhor, a mim. (11-16) Na verdade, estou guardando a cidade do rei, meu senhor, até que a palavra do rei, meu senhor, chegue a mim (novamente).³

Análise da estrutura e dos aspectos críticos-literários da carta

A carta contém pouca restauração do texto, tanto na tradução de Rainey quanto na de Moran. Ambos observam que, ao final do texto, há uma anotação de um escriba egípcio em tinta preta, que Moran supõe ser “novamente” (MORAN, 1992, p. 286; RAINEY, 2015, p.1548). Rainey observa que o nome do governante da carta na linha 4 (“*um-ma* ¹*Yi-ig-dá-sú*” – “carta de Yiqdasu”), ¹*Yi-ig-dá-sú*, é semítico ocidental, que se assemelha à forma verbal *yiqṭalu* da raiz *qdš* na 3ª. pessoa masculino singular (RAINEY, 2015, p.1548).

A carta segue um formato muito parecido com o de outras de Amarna. A introdução do texto contém uma fórmula de linguagem padrão nesse conjunto de textos (MANDELL, 2015, p.131 [cf. nota 279]): a ordem recorrente ao escriba (“Dize ao rei, meu senhor”; cf. EA 222-8), seguida pela indicação do remetente (“mensagem de Yiqdasu, teu servo”; cf. EA 220, 222-8) e da fórmula de auto-humilhação (“Aos pés do rei, meu senhor, sete vezes (e) sete vezes eu tenho me prostrado”) (COATS, 1970, p. 14-26)⁴. O uso de “sete vezes (e) sete vezes” parece ser uma maneira de expressar

¹ Tradução da versão inglesa de RAINEY, 2015, p.953. O texto acádico é o seguinte (p. 952): 01) *a-na šār-ri* EN-[i]a / 02) ⁴UTU *iš-tu ša₁₀-me-’ma* / 03) *qí-bí-ma* / 04) *um-ma* ¹*Yi-ig-dá-sú* / 05) *İR-ka a-na GİR.MEŠ šār-ri* / 06) EN-ia *7-šu ši-bi-ta-an* 07) *uš-hé-ḫi-in* / 08) *iš-te₃-me ša-pa-ar* / 09) *šār-ri* EN-ia / 10) ¹*a’-na ia-a-ši* / 11) *a-nu-ma* / 12) *a-na-ša-ru* / 13) URU *šār-ri* EN-ia / 14) *a-di ti-ik-šu-du* / 15) *a-wa-at šār-ri* / 16) EN *a-na ia-ši*.

² Tradução da versão inglesa de MORAN, 1992, p. 286.

³ A expressão “novamente” é uma anotação egípcia no final da carta (ver MORAN, 1992, p. 286).

⁴ Jana Mynářová observa que a estrutura introdutória mais amplamente usada em Amarna consiste em dois elementos: o cabeçalho (1) e a saudação (2) na forma de uma fórmula de prostração (MYNÁŘOVÁ, 2012, p. 553).

“grande humilhação” (BROWN; DRIVER; BRIGGS, 1977, p. 988)⁵, ou seja, total submissão (retórica) do remetente ao destinatário.

Nas linhas 8-10, Yiqdasu afirma que tem “dado ouvidos à mensagem do rei, meu senhor, a mim”, uma maneira de expressar sua pronta submissão ao faraó e que também é vista em outras tabuletas de Amarna, logo após a introdução da carta (cf. EA 225-6). Na parte final (linhas 11-16), como vassalo leal, o governante cananeu declara que está “guardando a cidade do rei, meu senhor”, expressão de lealdade⁶ contida em outras correspondências de Amarna (ver EA 226-8), e atento às próximas ordens que o faraó lhe der (“até que a palavra do rei, meu senhor, chegue a mim”).

Isto posto, **a estrutura de EA 221** pode ser apresentada da seguinte forma:

Introdução

Ordem para redigir o texto e identificação do remetente

Fórmula de auto-humilhação

Conteúdo: expressão de submissão e de lealdade ao rei egípcio

“tenho dado ouvidos à mensagem do rei, meu senhor, a mim”

“estou guardando a cidade do rei, meu senhor”

Conclusão: prontidão em cumprir as futuras ordens do rei

EA 222 – *Yiqdasu, governante de uma cidade cananeia, ao rei do Egito*

Tradução 1⁷:

(1-6) Dize ao rei, meu senhor, a mensagem de Yiq[da]su; aos pés do rei, [meu senhor,] sete vezes (e) sete vezes eu tenho me prostrado.

(6-11) Vi[sto] que o rei, [meu] senhor, tem escrito para mim, [agora], o que es[tava em] minha [posse, eu] tenho dado ao rei, [meu] sen[hor].

Tradução 2⁸:

Dize ao rei, meu senhor: Mensagem de Wik[ta]su, teu servo. Eu me prostro aos pés do rei, meu senhor, sete vezes e sete vezes. (6-11) Con[forme] o rei, meu senhor, tem escrito para mim, eu [com] isto] dou ao rei, [meu] sen[hor], qualquer coisa que [eu] tenha em mãos.

⁵ O número *sete* tem, muitas vezes, o sentido de “plenitude” ou “completude” nos textos bíblicos: “Assim, qualquer que matar a Caím *será vingado sete vezes*” (Gn 4.15); “*Sete anos* te servirei por tua filha mais moça, Raquel.” (Gn 29.18); “E ele mesmo, adiantando-se, *prostrou-se à terra sete vezes*, até aproximar-se de seu irmão” (Gn 33.3); “Se ainda assim com isto não me ouvirdes, tornarei a castigar-vos *sete vezes mais* por causa dos vossos pecados” (Lv 26.18); “Vai, *lava-te sete vezes* no Jordão, e a tua carne será restaurada, e ficarás limpo” (2Rs 5.10); “As palavras do SENHOR são palavras puras, / prata refinada em cadinho de barro, / *depurada sete vezes*” (Sl 12.6).

⁶ Cf.: EA 228: “Eis que sou o servo leal do rei [...] e agora eu estou guardando a cidade...”.

⁷ Tradução da versão inglesa de RAINEY, 2015, p. 955. Texto acádico (p. 954): 01) *a-na* ¹ *šàr*[-*ri* EN-*ia*] / 02) *qí-bí*[-*ma*] / 03) *um-ma* ¹ *Yi-iq*[-*dá-sú*] / 04) *a-na* GİR.MEŠ *šàr*[-*ri*] [EN-*ia*] / 05) *7-šu* *7*[-*ta*]-*an* / 06) *uš-ḫe-ḫi-in*₄ ¹ *i*[-*nu*]-*ma* / 07) *ša-pár* LUGAL EN-*[ia]* / 08) *a-na* *ia-ši* ¹ *a*[-*nu-ma*] / 09) *ša* *i-ba*[-*ši* *it-ti-i*] / 10) *na-ad-na*[-*ti*] / 11) *a-na* LUGAL E[EN-*ia*].

⁸ Tradução da versão inglesa de MORAN, 1992, p. 286-287.

Análise da estrutura e dos aspectos críticos-literários da carta

O estado do texto de *EA 222* demanda uma restauração maior que *EA 221*, como fica evidente nas traduções de Rainey e Moran, embora ambos mantenham basicamente o mesmo sentido na tradução. Rainey indica que a tabuleta estava quebrada na parte esquerda superior e que um escriba acrescentou a palavra *a-na* (“para”, “pertencente a”) *I* (“pessoa”, “objeto”), bem como a sílaba *qí* na segunda linha (RAINEY, 2015, p. 1549). Na reconstrução de um trecho da linha 8, Moran propõe a leitura *a[numa]* (“com isto”, “juntamente”) (MORAN, 1992, p. 287), que é aceita por Rainey.

A estrutura da *carta 222* é marcada pela introdução com os mesmos elementos da anterior: a ordem para que o escriba redija a carta (“Dize ao rei, meu senhor”), seguida pela indicação do remetente (“mensagem de Yiqdasu”) e da fórmula “sétupla” de auto-humilhação (“Aos pés do rei, [meu senhor,] sete vezes (e) sete vezes eu tenho me prostrado”). Devido à perda de parte do texto, a expressão “teu servo”, logo depois do remetente, só pode ser suposta⁹, bem como a qualificação “meu senhor”, depois de “rei” (MORAN, 1992, p. 286; RAINEY, 2015, p. 955).

As linhas 6-11 apresentam o conteúdo da carta, que é uma resposta à solicitação feita por faraó. Yiqdasu declara ao rei egípcio que está enviando os produtos (“o que es[tava em mi]nha [posse, eu] tenho dado ao rei, [meu] sen[hor]”) solicitados por este (“Con[forme] o rei, meu senhor, tem escrito para mim” [MORAN]). Essa função de fornecer produtos ao suserano é vista em outras cartas de Amarna (*EA 223*, linhas 7-10: “Todos os produtos que o rei, meu senhor, exigir, eu prepararei”; cf. *EA 226*, linhas 10-21), sugerindo que ela era uma das obrigações naturais de um vassalo (cf. 1Rs 4.21-24).

Isto posto, **a estrutura de EA 222** pode ser apresentada da seguinte forma:

Introdução

Ordem para redigir o texto e identificação do remetente

Fórmula de auto-humilhação

Conteúdo: plena disposição em fornecer todos os produtos solicitados pelo rei

“Con[forme] o rei, meu senhor, tem escrito para mim” [MORAN]

“o que es[tava em mi]nha [posse, eu] tenho dado ao rei, [meu] sen[hor]”

Análise histórico-social das cartas Yiqdasu

A análise petrográfica das *Cartas de Amarna*, feita por Finkelstein, Goren e Na’aman, identifica a origem do material das cartas 221-222 como sendo a

⁹ Como faz MORAN, 1992, p. 286, ao contrário de RAINEY, 2015, p. 955

mesma de *EA 259*, em que Yiqdasu seria, provavelmente, sucessor de Ba‘l-meher, o governante que é identificado como o remetente das tabuletas 257-9 (FINKELSTEIN; GOREN; NA‘AMAN, 2004, p. 255). A região geográfica que melhor corresponde à análise do material dessas tabuletas é Tel Yokneam, cidade-estado localizada na fronteira noroeste do Vale de Jezreel (ELWELL; BEITZEL, 1988, p.1204; CLENDENEN, 2003, p.941), aproximadamente 28 quilômetros ao sul de Haifa (CLENDENEN, 2003, p.941) e 12 quilômetros ao norte de Megido (LILLEY, 1996, p.603), que dominou a parte noroeste do vale, bem como, provavelmente, o sul do Carmelo (FINKELSTEIN; GOREN; NA‘AMAN, 2004, p.254-255). Devido à sua localização, ela era uma cidade importante como porta de entrada para o vale de Jezreel (MYERS, 1987, p.592). Embora não seja definitiva¹⁰, essa hipótese parece ter apoio de *EA 245*, em que Ba‘l-meher é solto por Surata em Hannathon, uma localidade próxima de Tel Yokneam (Tell-Queimun).

A relação entre o governante cananeu e o faraó egípcio é marcada pela relação de suserania-vassalagem muito comum do antigo Oriente Próximo (AOP). Yiqdasu introduz suas duas cartas dizendo: “Aos pés do rei, meu senhor, sete vezes (e) sete vezes eu tenho me prostrado”. Essa *fórmula de prostração* (MYNÁŘOVÁ, 2012, p.553) parece consistir em uma “metáfora de orientação” que estrutura a dinâmica de poder da perspectiva da orientação espacial (MANDELL, 2015, p.454). Quem se prostra, expressa seu *status* inferior, ao passo que aquele que permanece de pé tem *status* superior.

As metáforas de orientação transformam uma orientação especial em um conceito. [...] Tais metáforas [...] não são arbitrárias. Elas se baseiam em nossa experiência física e cultural. *Ter controle ou poder é acima; estar sujeito ao controle ou poder é abaixo*: Eu tenho controle *sobre* ela. [...] Ele está em uma posição superior. Ele está no *ápice* de poder. [...] Ele está *sob* meu controle. Ele *caiu* do poder [...]. *Status elevado é acima; status inferior é abaixo*: Ele tem uma posição *elevada*. Ela *subiu* até o *topo*. [...] Ela *caiu* de posição (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 14-6).

Portanto, a expressão de auto-humilhação inicial tem o propósito de indicar o *status* inferior de quem escreve (“tenho me prostrado”) e o *status* superior do faraó (“aos teus pés”), mas também parece refletir o costume do AOP de alguém em posição inferior se prostrar diante do superior: “E ele mesmo, adiantando-se, *prostrou-se* à terra *sete vezes*, até aproximar-se de seu irmão” (Gn 33.3). O uso de “teu servo” e “meu senhor” reforça essa relação entre dois indivíduos de posições distintas.

As cartas 221-222 revelam duas responsabilidades que o vassalo cananeu tinha diante de seu senhor egípcio. A primeira era proteger a cidade da qual era governante: “estou guardando a cidade do rei, meu senhor” (*EA 221*). Em

¹⁰ Ver RAINEY, 2015, p.1573, que situa a localidade na fronteira oriental da planície de Saron.

geral, observa-se uma provável resposta dele à exortação do faraó semelhante àquela encontrada em *EA 99.7-9* (GIANTO, 2009, p. 282): “Vigia o lugar do rei que está sob tua responsabilidade” (tradução de RAINEY, 2015, p. 547).

No entanto, mesmo cumprindo seu papel de “guardar a cidade do rei”, os vassalos de Amarna esperavam reforço egípcio para manter seus territórios seguros (GIANTO, 2009, p.282-283): “Além disso, agora eu estou muito vigilante e tenho guardado a cidade de Beirute para o rei, meu senhor, *até a chegada do exército regular do rei, meu senhor*” (*EA 142.11-14*) (RAINEY, 2015, p.723). Por isso, a declaração de Yiqdasu: “até que a palavra do rei, meu senhor, venha a mim” (221.11-16), talvez indique, além da disposição em seguir as ordens do faraó, uma expectativa de que o rei egípcio mandasse reforços para que a cidade continuasse em segurança.

A segunda função de um vassalo é revelada em 222.6-11: “Vi[sto] que o rei, [meu] senhor, tem escrito para mim, [agora], o que es[tava em mi]nha [posse, eu] tenho dado ao rei, [meu] sen[hor]”. Yiqdasu demonstra prontidão em enviar bens de consumo ao faraó egípcio, em conformidade com o que “o rei, [meu] senhor tem escrito para mim”. Em várias cartas é possível ver governantes cananeus prometendo enviar bens e mercadorias ao faraó egípcio. Jana Mynářová estima que em 13% do total das correspondências de Amarna, existe a menção ao envio desses bens ou, ao menos, a promessa ou a manifestação da intenção de fazê-lo (MYNÁŘOVÁ, 2015, p. 161).

Uma carta que ilustra essa preocupação dos vassalos em suprir o faraó com recursos de sua terra, bem como cita algumas dessas mercadorias, é a *EA 226.10-21*: “Agora estou cultivando e colhendo, [portanto, eu] continuo ausente [d]e minha cidade [e] estou preparando [azeite] e comida e [cerveja] no aguardo das caravanas do rei, meu senhor, e estou obedecendo a todas as palavras do rei, meu senhor”.

Análise das Cartas dos governantes de Hazor

EA 227 – O governante de Ḥaṣôra (Hazor) ao rei do Egito

Tradução 1¹¹:

(1-4) Dize ao rei, meu senhor, a mensagem do rei da cidade de Ḥaṣôra (Hazor): Aos pés do meu senhor eu tenho me prostrado.

¹¹ Tradução da versão inglesa de RAINEY, 2015, p. 965. Texto acádico (p. 964): 01) [a]-’na’ ‘LUGAL’ EN-ia—— / 02) qí—— bí—— ma—— / 03) um-ma LUGAL URU Ḥa-ṣú-ri^{K1} / 04) a-na ĠIR.ḤI.A EN-ia am-qú-ut / 05) ‘a’-mur-mi a-na-ku na-aṣ-ra-ti U[RU] / 06) DIDLI.ḤI.A-ni LUGAL EN-i[a] / 07) a-di ka-ša-di EN-ia DINGIR-i[a] / 08) u i₁₅-nu-ma iṣ-te-me a-wa-te^{MES}-ka / 09) an-nu-ta₅ u a-ṣé TI ‘UTU EN-’ia’ an(a) ‘i’ a-ṣ[i] / 10) u ki yi-ša-ma-aḥ TI am-ta[[-li-ik] / 11) u il₅-la-ti-ya ia-ša-at ṣa-ḥ li-m[u] / 12) u DINGIR.MEŠ-nu ip-pal-ṣu / 13) an(a) ia-ṣi u a-nu-ma ṣu-ṣi-ra-ti / 14) gáb-ba a-di ka-ša-di LUGAL EN[-ia] / 15) a-mur-mi i-nu-ma yi-ik-ṣu-du / 16) [Ḥa-n]i DUMU ṣi-ip-ri-ka / 17) [u yi-iḥ-d]u? ŠĀ<-ia> ma-gal / 18) [il₅-la-ti-]ia ri-iṣ-ti₇ / 19) [yu-ṣu] i-nu-ma la yi-[...] / 20) [a]n-ni ú-[...] / 21) URU Ḥa-ṣú-[ra^{K1}..] / 22) u ni-nu ni[....] / 23) aṣ-ṣum KUR[....] / 24) u gáb-’ba’[....] / 25) i-nu-ma ka-’ša’? [...] / 26) ṣa-ni-tam ‘a’-m[ur.] / 27) u ki-ia-’am’? [...] / 28) qa-du ĒRIN.MEŠ [...].

- (5-7) Eis que eu guardo as cidades do rei, meu senhor, até a vinda de meu senhor a mi[m].
 (8-13) E quando ouvi essas palavras, então, a vida do deus sol, meu deus e [meu deus sol, veio a mim e quando ela foi ouvida, eu ouvi o conselho]; e meu júbilo surgiu de modo completo e os deuses atentaram para mim.
 (13-14) Agora, eu tenho preparado tudo até a chegada do rei, [meu] senhor.
 (15-19) Eis que, sempre que [Ḥan]i, teu enviado, chega, [então] <meu> coração [se ale]gra grandemente; meu [júbilo,] exaltação, surge.
 (19-21) Quando [...] não [...] Ḥašô[ra (Hazor)...].
 (22-25) E nós seremos [...] por causa da terra de [...] e todo [...] quando [...] ch[ega].
 (26-28) Além disso, ei[s que ---] e assim [---] com as tropas [regulares?].¹²

Tradução 2¹³:

Dize ao rei, meu senhor: Mensagem do rei da cidade de Ḥašuru. Eu me prostro aos pés do meu senhor. (5-13) Eis que eu mantenho, as cidades do rei, meu senhor, sob guarda até que meu senhor [me] alcance. E quando ouvi essas palavras tuas e do raiar do Sol *sobre m[im]*, eu me alegrei de forma correspondente. Eu consid[ere]i (as notícias) e meu júbilo surgiu. Houve paz, e os próprios deuses atentaram (favoravelmente) para mim. (13-17) E de fato, eu tenho preparado tudo até a chegada do rei, [meu] senhor. Eis que, sempre que [Ḥan] i, teu enviado, chega, o coração [se ale]gra muitíssimo. [18-19] [Em] meu [coração] minha alegria [é grande]. Quando ... [...] (20-28) ... [...].

Análise da estrutura e dos aspectos críticos-literários da carta

A carta do rei da cidade de Ḥašôra (Hazor) é relativamente maior do que as de Yiqdasu, que examinamos anteriormente (RAINEY, 2015, p.1551), e demanda várias reconstruções. Rainey afirma que o sinal correspondente ao *a* da primeira sílaba da linha 4 não está mais visível atualmente; provavelmente, isso ocorreu a partir da década de 1990, visto que Moran não o menciona. Rainey entende que o segundo termo de linha 4 deve ser GÎR. ḤI.A (“aos pés”), embora três traços cuneiformes não possam ser vistos (RAINEY, 2015, p.1551).

Moran também propõe a reconstrução *an* [ia-ši] (“a [mim]”) na linha 7 (MORAN, 1992, p.289), que supõe ser *an* um arcaísmo de *ana* (“a”, “para”, “pertencente a”). Entre as linhas 9 e 10, a reconstrução textual é bem difícil, de modo que Rainey apresenta a opção: “meu deus sol, veio a mim e quando ela foi ouvida, eu ouvi o conselho”; ao passo que Moran propõe uma reconstrução mais econômica: “Eu consid[ere]i (as notícias) [...] Houve paz...”. Embora as reconstruções sejam bem distintas, fica evidente a alusão a alguma mensagem (“o conselho” [Rainey]; “as notícias” [Moran]) proveniente do faraó, que é vista como favor dos deuses nas linhas 12-13 (“e os deuses atentaram para mim” [Rainey]; “e os próprios deuses atentaram [favoravelmente] para mim” [Moran]).

¹² Não há nada escrito no restante da parte de trás da tabuleta (ver RAINEY, 2015, p. 964).

¹³ Tradução da versão inglesa de MORAN, 1992, p.288-289.

A estrutura¹⁴ da carta 222 é marcada pela introdução, com os mesmos elementos das cartas de Yiqdasu: a ordem para que o escriba redija a carta (“Dize ao rei, meu senhor”), seguida pela indicação do remetente (“a mensagem do rei da cidade de H□ as□ ôra [Hazor]”) e da fórmula de auto-humilhação (“Aos pés do meu senhor eu tenho me prostrado”) (ver COATS, 1970, p.14-26). Chama a atenção o fato de o governante de Hazor autodenominar-se “rei” em uma carta escrita ao faraó, o “grande rei”, embora essa designação fosse comum em correspondências entre iguais (CAMPBELL JR., 1960, p. 22.). Diferente de todas as cartas imediatamente anteriores (ver EA 220-226), não ocorre aqui a expressão “sete vezes e sete vezes” em referência à “fórmula de prostração” (MANDELL, 2015, p. 453-454).

Em seguida (linhas 5-7), o “rei” cananeu declara que está “guardando a cidade do rei, meu senhor”, uma manifestação de lealdade¹⁵ contida em outras correspondências de Amarna (ver EA 226-8). Nas linhas 8-13, o autor da carta faz referência a uma mensagem do faraó, que é vista como divina e que lhe traz júbilo. Por isso, de boa vontade, “eu tenho preparado tudo até a chegada do rei, [meu] senhor” (linhas 13-14).

Na segunda metade da carta, em que há muitas lacunas, tornando o texto difícil de ser compreendido (especialmente a partir da linha 20), o remetente faz referência a um representante do rei egípcio, [H□ an]i, cuja mensagem, para fins retóricos, tem efeitos positivos sobre governante de Hazor: “<meu> coração [se ale]gra grandemente; meu [júbilo,] exaltação, surge” (linhas 15-19). Fica evidente, tanto nas linhas 8-13, quanto nas linhas 15-19, o desejo de comunicar uma submissão alegre e disposta à mensagem do rei do Egito enviada por seu emissário (MORAN, 1992, p.289). Ao final, há uma menção a “tropas” (linha 28), provavelmente uma referência à expectativa de ajuda militar egípcia.

Isto posto, **a estrutura de EA 227** pode ser representada assim:

Introdução

Ordem para redigir o texto e identificação do remetente
Fórmula de auto-humilhação

Conteúdo:

Cumprimento da tarefa de guardar a cidade “do rei, meu senhor”
Demonstração de grande alegria ao ouvir a mensagem do rei transmitida por [H□an]i
Disposição em atender “ao rei, meu senhor” até a chegada dele

¹⁴ Para um resumo das estruturas das *Cartas de Amarna*, ver MYNÁŘOVÁ, 2012, p.552-554.

¹⁵ Ver EA 228: “Eis que sou o *servo leal* do rei [...] e agora eu estou guardando a cidade...”

Conclusão: solicitação por ajudar militar

EA 228 – ‘Abdi-Shullim, o governante de Ḥaṣôra (Hazor) ao rei do Egito

Tradução 1¹⁶:

(1-9) [Di]ze ao rei, meu senhor, a mensagem de ‘Abdi-Shullim, governante de Hasôra (Hazor), teu servo: aos d<ois> pés do rei, meu senhor, sete (vezes) e sete vezes aos pés do rei, meu senhor, eu tenho me prostrado.

(10-17) Eis que sou o servo leal do rei, meu senhor, e agora eu estou guardando a cidade de Hasôra (Hazor) com suas aldeias [par]a o rei, meu senhor.

(18-25) [Portanto], que o rei, meu senhor, dê atenção para o que está sendo feito contra a cidade de Hasôra (Hazor), tua cidade, e contra teu servo.

Tradução 2¹⁷:

Dize [a]o rei, meu senhor: Mensagem de ‘Abdi-Shullim, governante de Ḥaṣuru, teu servo: Eu me prostro aos pés do rei, meu senhor, sete vezes e sete vezes <aos pés do rei, meu senhor>.

(10-17) Como sou o servo leal do rei, meu senhor, e de fato eu estou guardando Ḥaṣuru com suas aldeias para o rei, meu senhor. (18-25) Que o rei, meu senhor, lembre-se: *ia-az-ku-ur-mi* o que quer que tem sido feito contra a cidade de Ḥaṣuru, tua cidade, e contra teu servo.

Análise da estrutura e dos aspectos críticos-literários da carta

O texto de EA 228 apresenta pouquíssimos problemas textuais. Um deles está na terceira linha e diz respeito ao nome do governante cananeu. Enquanto Moran propõe a leitura ‘Abdi-Tirši, adotando uma leitura bem próxima de Na’aman (MORAN, 1992, p.290), Rainey entende ser ‘Abdi-Shullim, contendo uma forma do acádico babilônico antigo em sua composição (*šul*) (RAINEY, 2015, p.1552). Moran entende que há um erro de ditografia¹⁸ nas linhas 8-9 (MORAN, 1992, p.290), mas Rainey vê essa repetição como proposital, provavelmente como retórica (RAINEY, 2015, p. 967 [v.1] e p. 1552 [v.2]).

A estrutura da carta 228 é marcada pela introdução padrão: ordem para que o escriba redija a carta (“[Di]ze ao rei, meu senhor”), seguida pela indicação do remetente (“a mensagem de ‘Abdi-Shullim, governante de Ḥaṣôra (Hazor), teu servo”) e da fórmula “sétupla” (ver BROWN; DRIVER; BRIGGS, 1977, p.988) de auto-humilhação (“aos d<ois> pés do rei, meu senhor, sete (vezes) e sete vezes aos pés do rei, meu senhor, eu tenho me prostrado”).

¹⁶ Tradução da versão inglesa de RAINEY, 2015, p.967. Texto acádico (p. 966): 01) [a]-na¹ ṣār-ri EN-ia / 02) qí-bí-ma / 03) um-ma ṣār-šul-lim / 04) LÚ URU Ḥa-ṣú-ra ṣār-ka² / 05) a-na 1ḫGIR. ḤI.A-pí / 06) ṣār-ri EN-ia / 07) 7 ù 7-ta-a-na / 08) a-na ḠIR.ḤI.A-pí ṣār-rù(sic!) EN-ia / 09) am-qú-ut-mi / 10) a-mur-mi a-na-ku ṣār-[d]i(?) / 11) ša ki-it-ti / 12) ṣār-ri EN-i³ a⁴ ù / 13) a-nu-um-ma-mi / 14) i-na-ša-ru-um-mi / 15) URU Ḥa-ṣú-ra^{KI} / 16) qa⁵-du URU.DIDLI.ḤI.A-ni-ši / 17) [a-n]a ṣār-ri EN-ia / 18) [ù] li-iḫ-šu-uš-mi⁶ / 19) ya-az-ku-ur-mi / 20) ṣār-ri EN-ia / 21) mi-im-ma ša / 22) in₄-né-pu-uš-mi / 23) UGU URU Ḥa-ṣú-ra^{KI} / 24) URU.KI-ka ù / 25) UGU ṣār-ka.

¹⁷ Tradução da versão inglesa de MORAN, 1992, p. 289-90.

¹⁸ Ver a definição e explicação do erro de ditografia cometido por escribas em BROTZMAN; TULLY, 2016, cap. 6 (edição *Kindle*).

Nas linhas 10-17, o vassalo cananeu expressa sua lealdade¹⁹ ao grande rei egípcio (“Eis que sou o servo leal do rei, meu senhor”) e revela de que forma tal fidelidade se concretiza: “agora eu estou guardando a cidade de Ḥaṣôra (Hazor) com suas aldeias [par]a o rei, meu senhor.”

Na conclusão da carta (linhas 18-25), ‘Abdi-Shullim roga pela “atenção” do faraó, apelando para o que estava ocorrendo “contra a cidade de Ḥaṣôra (Hazor), tua cidade” e “contra teu servo”, o próprio ‘Abdi-Shullim, que havia sido leal até aquele momento. É interessante observar como os tratados entre suseranos e vassalos no antigo Oriente Próximo eram, às vezes, retratados como o relacionamento entre pai e filho, em que o suserano, como o “pai”, deveria resgatar seu “servo” e “filho” quando este clamasse por ajuda (cf. 2Re 16.7) (ROSS, 1980, p.344-345; PINTO, 2014).

Isto posto, **a estrutura de EA 228** pode ser representada assim:

Introdução

Ordem para redigir o texto e identificação do remetente

Fórmula sétupla de auto-humilhação

Conteúdo:

Declaração explícita de lealdade

Cumprimento da tarefa de guardar a cidade “do rei, meu senhor”

Conclusão: clamor para que o “rei” venha socorrer sua cidade e seu servo

Análise histórico-social das cartas dos governantes de Hazor

As cartas 227 e 228 são explícitas em afirmar que seu autor é “rei” ou “governante” de “Ḥaṣôra (Hazor)”, “a maior das cidades cananeias do sul do Levante”, que ocupava uma área total de 85 hectares, com uma *tell* (“colina artificial”) (RICHELLE, 2016, p.20 e 22) mais baixa e uma acrópole (SALA, 2016). As fontes literárias são complementadas pela análise petrográfica realizada por Finkelstein, Goren e Na’aman: “EA 227 e EA 228 demonstram que tabuletas cuneiformes podem diferir tanto no material quanto na tecnologia, mas, ainda assim, serem produzidas aproximadamente no mesmo período e no mesmo lugar”, que é identificado na análise individual das tábuas como “Hazor” (FINKELSTEIN; GOREN; NA’AMAN, 2004, p. 228-229).

Embora sejam do mesmo período e lugar, a análise petrográfica revela que a EA 227 foi produzida com cerâmica inferior, ao passo que EA 228 foi produzida de forma mais seletiva e cuidadosa (FINKELSTEIN; GOREN; NA’AMAN, 2004, p. 229). Esse fato parece apontar para reis de momentos

¹⁹ Ver comentário sobre declarações de lealdade em MANDELL, 2015, p.179, nota 376.

distintos, o que pode ser corroborado pela forma como cada um escreve sua carta. Enquanto o autor de *EA 227* se apresenta “rei de Hazor”, o de *EA 228* se descreve como “governante de Hazor” e menciona seu nome: ‘Abdi-Shullim. A situação em *EA 228* parece ser mais preocupante e carente de ajuda militar do que em *EA 227*, embora nesta última também haja solicitação de ajuda militar.

O sítio de Hazor, praticamente inquestionável, é identificado com Tell el-Qedah, cuja população local na Idade do Bronze Recente somou, ao menos, 20 mil pessoas e dominou sobre uma grande região de Canaã (LONGMAN III; PROVAN; LONG, 2016, p.273-277). Esse quadro de uma cidade grande e poderosa parece ser ratificado nas *Cartas de Amarna*, em que ‘Abdi-Shullim é líder político de “Ḫaṣuru com suas aldeias” (*EA 228.15-16*), ou em que o “rei” de Hazor está responsável por guardar “as cidades” no plural (*EA 227*).

A relação de vassalagem entre os governantes de Hazor e o faraó egípcio se manifesta nas fórmulas de auto-humilhação (por exemplo, *EA 228*: “Eu me prostro aos pés do rei, meu senhor, sete vezes e sete vezes”), na maneira em que os dois governantes se dirigem ao “rei, meu senhor”, no reconhecimento de que a cidade pertence ao faraó (*EA 227*: “as cidades do rei, meu senhor”; *EA 228*: “Ḫaṣuru, tua cidade”) e no modo como se autodenominam, “teu servo”.

O pedido de socorro ao suserano: “que o rei, meu senhor, dê atenção para o que está sendo feito contra a cidade de Ḫaṣōra (Hazor), tua cidade, e contra teu servo”, não apenas indica a expectativa de um vassalo de receber ajuda de seu senhor, mas também um estado de tensão pelo qual a cidade estava passando. Não se sabe ao certo que condição era esta. Ao menos quatro vezes em que Hazor foi atacada entre o período do Bronze Médio e a Idade do Bronze Recente, ela foi incendiada (LONGMAN III; PROVAN; LONG, 2016, p. 276). O último grande incêndio do período do Bronze Recente ocorreu no século 13 A.E.C. (RICHELLE, 2017, p. 87), depois da época de Amarna, e é descrito por Amnon Ben-Tor de forma vívida, ilustrando o que, talvez, reis e moradores anteriores da cidade tenham experimentado:

Um violento incêndio marcou o fim da Hazor cananeaia. Por todo o sítio, uma espessa camada de cinzas e madeira parcialmente queimada — em alguns lugares com cerca de 90 cm de espessura — confirma a intensidade das chamas na cidade do norte da Galileia.

Dentro dos muros do palácio de Hazor, o fogo foi especialmente intenso. A quantidade incommum de madeira usada na construção do prédio e a grande quantidade de óleo armazenado em imensos *pitboi* (jarros de armazenamento) espalhados por todo o palácio formaram uma combinação fatal — criando um calor extremo com temperaturas superiores a 1288° C. Sob esse calor intenso, as paredes de tijolo de barro vitrificaram, as placas de basalto trincaram e os utensílios de argila derreteram.

Quem quer que tenha incendiado a cidade, também destruiu deliberadamente as estátuas do palácio. No meio das cinzas, entre as estátuas cananeias com forma humana, descobrimos

a maior já encontrada em Israel. Esculpida num bloco de basalto que deve ter pesado mais de uma tonelada, a estátua de cerca de 90cm de altura foi despedaçada em cerca de cem fragmentos que estavam espalhados em um raio de cerca de 1,8m. A cabeça e as mãos dessa estátua e de várias outras estavam faltando, tendo sido aparentemente decepadas pelos conquistadores da cidade (BEN-TOR, RUBIATO, 1999, p.22).

Apesar do relato desses ataques e incêndios contra a cidade, é impossível definir com precisão se é uma situação assim que ‘Abdi-Shullim quis transmitir com a frase “dê atenção para o que está sendo feito contra a cidade de Ḥaṣōra (Hazor), tua cidade, e contra teu servo”. Mas se pode identificar o outro lado da relação de suserania-vassalagem: a expectativa de que o suserano viesse em socorro de um rei vassalo nos momentos em que este se encontrava em apuros, sob a ameaça de um inimigo. Esse aspecto do relacionamento entre suserano e vassalo também é identificado nos tratados hititas de um período bem próximo ao das *Cartas de Amarna*, conforme assinala F. C. Fensham: “Nos tratados hititas, proteção é prometida pelo grande rei, o sol, a seu vassalo contra os inimigos”, um aspecto exemplificado no tratado de vassalagem entre Mursilis II e Duppi-Tesup, em que “o primeiro se obrigava por juramento a contra-atacar os inimigos do segundo” (FENSHAM, 1963, p.134-135).

Embora não se saiba o resultado do pedido contido em *EA 228*, observa-se que a vassalagem sob um domínio estrangeiro poderia garantir certa estabilidade e proteção advinda do suserano para um rei politicamente inferior, diante da potencial ameaça de cidades-estados inimigas (FREIRE, 2015, p.4).

Referências bibliográficas

- BEN-TOR, A.; RUBIATO, M. T. *Excavating Hazor*. Part II. Did the israelites destroy the Canaanite city?. *Biblical Archaeology Review*, v. 25, n. 3, p. 22-39, 1999.
- BROTZMAN, Ellis R; TULLY, Eric J. *Old Testament textual criticism: a practical introduction*. 2. ed. Grand Rapids: Baker Academic, 2016, cap. 6 (edição kindle).
- BROWN, F; DRIVER, S.; BRIGGS, C. *The Brown-Driver-Briggs Hebrew and English lexicon*. Oxford: Clarendon, 1977.
- CAMPBELL JR., Edward F. The Amarna letters and the Amarna period. In: *The Biblical Archaeologist*, v.23, n.1, p. 2-22, 1960.
- CLENDENEN, E. R. et al. (orgs.). *Holman illustrated Bible dictionary*. Nashville: Holman, 2003.
- COATS, George W. Self-abasement and insult formulas. *Journal of Biblical Literature*, v.89, n.1, p. 14-26, 1970.
- ELLINGER, K., RUDOLPH, W. (eds.). *Biblia Hebraica Stuttgartensia*. 5 ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.
- ELWELL, W. A.; BEITZEL, B. J. (orgs.). *Baker encyclopedia of the Bible*. Grand Rapids: Baker, 1988.

- FENSHAM, F. Charles. Clauses of protection in hittite vassal-treaties and the Old Testament. In: *Vetus Testamentum*, v.13, n.2, p. 133-143, 1963.
- FINKELSTEIN, Israel; GOREN, Yuval; NA'AMAN, Nadav. *Inscribed in clay: provenance study of the Amarna letters and the other ancient Near Eastern texts*. Tel Aviv: Emery and Clair Publications in Archaeology, 2004.
- FREIRE, Lucas G. Suzerains and vassals: patterns of hierarchy in ancient Near Eastern diplomacy. In: *56th International Studies Association Annual Congress*. New Orleans, 2015, p. 1-30.
- GIANTO, Agustinus. Unheeded pleas to the powers that be? On Amarna akkadian *nenpušu ana and paṭāru*. In: *Orientalia*, v.78, n.3, p. 282-91, 2009.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 2003.
- LILLEY, J. P. U. Jokneam, jokmeam. In: MILLARD, A. R. et al (orgs.). *New Bible dictionary*. 3. ed. Leicester; Downers Grove: InterVarsity, 1996.
- LONGMAN III, Tremper; PROVAN, Iain; LONG, V. Philips. *Uma história bíblica de Israel*. São Paulo: Vida Nova, 2016.
- MANDELL, Alice Helene. *Scribalism and diplomacy at crossroads of cuneiform culture: the sociolinguistics of canaanite-akkadian*. Tese de Doutorado em Línguas e Culturas do Oriente Próximo da Universidade da Califórnia. Los Angeles, 2015.
- MILLARD, A. R. et al. (orgs.). *New Bible dictionary*. 3. ed. Leicester; Downers Grove: InterVarsity, 1996.
- MORAN, William L. (ed. e trad.). *The Amarna Letters*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1992.
- MYERS, A. C. (org.). *The Eerdmans Bible dictionary*. Grand Rapids: Eerdmans, 1987.
- MYNÁŘOVÁ, Jana. The representatives of power in the Amarna letters. In: WILHELM, Gernot (ed.). *Organization representation, and symbols of power in the Ancient Near East: proceedings of the 54th Rencontre Assyriologique Internationale at Würzburg 20-25 July 2008*. Winona Lake: Eisenbrauns, 2012.
- MYNÁŘOVÁ, Jana. Egypt among the great powers and its relation to the neighboring vassal kingdoms in the southern Levant according to the written evidence: Thutmose III and Amarna. In: EDER, Birgitta; PRUZSINSZKY, Regine (orgs.). *Policies of exchange: political systems and modes of interaction in the Aegean and the Near East in the 2nd millennium B.C.E*. Viena: Austrian Academy of Sciences Press, 2015.
- PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso. *Foco e desenvolvimento no Antigo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2014.
- RAINEY, Anson F. (org. e trad.). *The El-Amarna Correspondence: a new edition of the cuneiform letters from the site of El-Amarna based on collations of all extant tablets*. Edição de William M. Schniedewind. Leiden: Brill, 2015. v. 1.
- RAINEY, Anson F. (org. e trad.). *The El-Amarna Correspondence: a new edition of the cuneiform letters from the site of El-Amarna based on collations of all extant tablets*. Edição de Zipora Cochavi-Rainey. Leiden: Brill, 2015. v. 2.
- RICHELLE, Matthieu. *A Bíblia e a arqueologia*. São Paulo: Vida Nova, 2016.

ROSS, Alen P. *The table of nations in Genesis 10: its structure*. Bibliotheca Sacra, v. 137, n. 548, 1980, p. 340-50.

SALA, M. Hazor of Galilee, Archaeology of. In: BROWN, D. R. et al. (orgs.). *The Lexham Bible Dictionary*. Bellingham: Lexham Press, 2016 (edição eletrônica).

Submetido em: 9-5-2018

Aceito em: 24-5-2018